

Percepções da relação Escola e Família

Perceptions of the School and Family Relationship

Maria do Nascimento Esteves Mateus

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Bragança
mmateus@ipb.pt

Resumo

Com o tema *Percepções da relação Escola e Família* pretendemos refletir sobre os encontros e os desencontros entre a Escola e a Família, apoiados num cruzar de olhares que possam favorecer o diálogo e construir um entendimento objetivo, consciente e responsável. É importante, nesta relação, termos presente o aluno, pois este é o ponto fulcral de uma relação que se quer harmoniosa, amiga e saudável e que traduza o sucesso escolar. Na busca de alguns elementos que nos ajudem a esta compreensão formulamos a questão - problema – Quais as percepções da relação Escola e Família e que importância tem na interação entre as duas instituições? Para obter resposta a esta questão enunciamos dois objetivos que visam compreender as percepções que a Escola tem da Família e compreender as percepções que a Família tem da Escola. O trabalho empírico foi realizado em uma escola do 1º ciclo do ensino básico (1º CEB), pertencente a um agrupamento de escolas da cidade de Bragança, implantada num meio económico e social problemático. Após a seleção de uma amostra por conveniência procuramos, através da utilização de uma metodologia qualitativa e de uma análise de conteúdo às respostas obtidas por uma entrevista semiestruturada e individual, aplicada a três famílias dos alunos que frequentam a referida escola e uma entrevista semiestruturada e em grupo, aplicada a três docentes, a lecionar na já referida escola, fazer uma análise e uma reflexão crítica essenciais à construção de algumas considerações finais sobre a problemática enunciada, apoiados num quadro teórico que sustenta a investigação. Contudo, consideramos que as percepções sobre esta temática estão ainda marcadas pelos imaginários sociais.

Palavras - chave: educação, relação, escola, família, imaginário social.

Abstract

With the theme *Perceptions of School and Family Relationship* we intend to reflect on the meetings and disagreements between the School and the Family, supported by a cross of looks that can foment dialogue and build a objective, conscientious and responsible understanding. It is important in this relationship give attention to student, as this is the focal point of a relationship that either harmonious, friendly, healthy and translate academic success. In search of some elements to help us understand this we formulate the question - problem - What are the perceptions of the school and family relationship and how important is the interaction between the two institutions? For answer to this question enunciated two goals that aim to understand the perceptions that the School has Family and understand the perceptions that the Family has the School. The empirical work was carried out in a school of the 1st cycle of basic education (1st CEB), belonging to a grouping of Bragança city schools, located in a middle problematic social and economic level. After selecting a convenience sample we try, through the use of a qualitative methodology and a content analysis of the responses obtained by a semi-structured and individual interview, applied to three families of students who attend this school and a semi-structured and group interview applied to three teachers, teaching at the aforementioned school, make an essential analysis and critical reflection on the construction of some final comments on the stated problem, supported by a theoretical framework that supports research. However, we believe that the perceptions on this issue are still marked by the social imaginary.

Abstract: Key - words: education, relation, school, family, social imaginary.

Introdução

A relação Escola e Família é questionada por teóricos da educação e pela sociedade em geral e ambas as partes garantem ser fator determinante do (in)sucesso dos alunos. É um binómio ativo, gera diferentes pontos de vista, culpa ora uns ora outros, pelo que, desde logo, é necessário ir ao encontro da aprendizagem de uma linguagem que permita colmatar possíveis pontos de fratura. Neste confronto está o olhar de cada um sobre o outro, que assenta no desconhecimento das dinâmicas de cada lado, na forma como o imaginário social de cada um invade essa relação, na forma como cada uma das partes pensa, age e concebe o mundo. Este desconhecimento transforma-se numa relação, por vezes, preconceituosa, em que os direitos de uns são sempre mais valorizados que os direitos dos outros, esquecendo que os deveres inerentes a cada parte podem ser uma ponte socioeducativa de entendimento. A relação entre Escola e Família não envolve apenas uma discussão de conteúdos escolares, assenta em complexas relações culturais, sociais e ideológicas traduzidas em relações de género, de classe e de etnia. Se para as famílias a Escola é vista como uma perspetiva de um futuro melhor, a Escola, por vezes, reage de forma preconceituosa, cria constrangimentos apoiados no conhecimento superficial das diferentes histórias de vida dos envolvidos. Não podemos encarar esta problemática de forma reducionista, pois a aprendizagem escolar não se esgota nos argumentos de uns e de outros. Escola e Família são o espelho em que nos refletimos e descobrimos, o mundo em que vivemos e comungam do facto de prepararem as crianças/jovens para o desempenho de diferentes papéis numa sociedade competitiva, tecnológica e democrática.

Toda a Família cria as suas dinâmicas e se a Escola não conhecer essas dinâmicas é levada a acreditar que famílias desestruturadas têm uma má influência na vida dos filhos, pois os pais podem não se importar pela sua vida escolar, na medida em que deixam essa tarefa para a Escola, tornando-se displicentes.

Torna-se, pois, necessário ter uma visão mais clara e mais objetiva da Escola que vá ao encontro das histórias de vida de cada aluno, pois só assim poderá promover aprendizagens significativas, diversificadas e socializadoras que contribuirão para o seu sucesso escolar e pessoal. É essencial que Escola e Família cruzem os olhares para seguirem os mesmos caminhos, ultrapassando as diferenças e não utilizando práticas diferenciadoras.

Na busca de alguns elementos que nos ajudem a esta compreensão formulamos a questão - problema – Quais as perceções da relação Escola e Família e que importância tem na interação entre as duas instituições?

Para responder a esta questão formulamos dois objetivos que visam compreender as perceções que a Escola tem da Família e compreender as perceções que a Família tem da Escola.

Selecionamos uma amostra por conveniência e utilizamos uma metodologia qualitativa, apoiada na análise de conteúdo de entrevistas semiestruturadas realizadas, de forma individual,

a três famílias e, em grupo, a três docentes. O enquadramento teórico servir-nos-á de esqueleto a toda a investigação, cujas considerações finais responderão ao problema e aos objetivos formulados. Concluimos que a Escola e a Família devem trabalhar em conjunto, na medida em que são instituições indispensáveis no processo de socialização e de aprendizagem e que os afetos são fundamentais para desenvolvimento da criança/aluno e para a construção de sua personalidade enquanto sujeito.

Relação Escola e Família

A relação Escola e Família é marcada por alguns constrangimentos mas, ao mesmo tempo, congrega sinergias que não excluem a evidência de um questionamento sobre aspetos pertinentes e para os quais queremos apenas refletir no sentido de compreender os meandros em que as duas partes vagueiam.

A formação de uma família nuclear é obstaculizada pelas condições de vida de grupos menos favorecidos, com atitudes e práticas desintegradas de contextos, pois como afirma Mello (1998) a relação Escola e Família tem por base o preconceito das relações sociais, o que leva à criação de juízos de valor quanto à forma como esses grupos falam, pensam e agem, o que transforma as diferenças em direitos.

Contudo, as famílias de classes menos favorecidas mantêm os seus filhos na escola apesar do insucesso e da continuada recriminação por não se adaptarem ao modelo preconizado pela sociedade. A escolaridade é vista pelas famílias de classes menos favorecidas, como sendo um fator de melhoria das suas condições de vida.

Como afirma Postic (1995) o imaginário de cada um, fruto das suas vivências, da sua forma de agir, de sentir, de pensar e de observar o mundo, atribui determinadas características aos outros. Este imaginário social está presente nesta relação tão próxima e ao mesmo tempo tão distante entre Escola e Família, que Marini e Mello (s.d.: 5) referem como estando "os professores de um lado e as famílias de outro, ou mais especificamente, as professoras de um lado e as mães de outro, já que cuidar das crianças é, historicamente em nossa sociedade, um assunto de mulheres", pois as mães estão mais ligadas à educação dos filhos e os pais um pouco mais distantes, confirmando assim o lugar central que as mulheres ocupam na educação das novas gerações.

Esta ótica leva -nos a destacarem o papel das mães, na medida em que

a responsabilidade atribuída às mães em relação aos cuidados e educação de seus filhos, ao seu acompanhamento na escola, para garantir com sucesso seu processo de escolarização, permite que elas ocupem um papel totalmente diferenciado dos demais atores coletivos em algumas das instâncias da esfera pública. (Carvalho e Vianna, 1994: 150)

As autoras referem as dificuldades existentes nas relações de género entre mães e professoras que se confrontam na disputa pela criança. Enquanto aquelas afirmam o seu papel como mães,

estas criticam o seu desempenho e a educação dados por elas, mas valorizam o seu papel como profissionais qualificadas e com competências adequadas ao exercício da sua profissão.

A relação Escola e Família não se reduz apenas a uma discussão de conteúdos curriculares, que alguns pais ignoram e não sabem discutir, ela assenta em relações de género, de classe, de etnia, de filosofia de vida construída numa complexa teia de relações socioculturais e ideológicas.

Todos os pais sonham e desejam para os seus filhos um futuro com sucesso, pelo que consideram que a escola lhes pode dar as ferramentas necessárias para atingirem esse objetivo.

Contudo, algumas destes pais interiorizam o discurso da escola, na medida em que acreditam que os filhos têm dificuldades de aprendizagem, tal como eles quando eram crianças. Mas outros pais consideram que para os seus filhos terem sucesso basta mudar de professor, um novo professor que interaja e ensine de forma diferente, que valorize e não recrimine as crianças, que não esteja constantemente a criticar e a apontar as fragilidades de uma educação familiar. Prestar atenção, dar carinho, motivar ajuda a ultrapassar os obstáculos. Mas também há pais que pedem aos professores para serem autoritários e não deixarem os filhos fazerem o que querem.

A Escola tem um discurso sobre o aproveitamento das crianças destas classes mais desfavorecidas e esse discurso é aceite por alguns pais. Contudo, principalmente as mães, não deixam de tecer alguns juízos de valor sobre o comportamento, sobretudo de professoras, pois acham que elas não fazem o suficiente para que os seus filhos aprendam, o que vai de encontro ao afirmado por Carvalho e Viana (1994) em que a relação Escola e Família é tida como uma disputa entre mulheres.

É considerado

de extremo valor o papel da escola na educação de seus filhos, pode-se afirmar que essas famílias consideram o fracasso na escola como um dos parâmetros de julgamento da criança, mesmo porque os discursos escolares estão presentes nas representações que constroem de seus filhos [...].

De outro lado, embora a escola interfira na maneira das mães verem e agirem com seus filhos, ela parece não abalar o afeto e a harmonia entre os membros da família, na sua dinâmica de relacionamento. As mães são figuras centrais na educação das crianças, inclusive na vida escolar, mesmo quando o máximo que pensam poder fazer é mandar o filho ou a filha para a escola - como é o caso da mãe que se sente impotente frente à escola - e do quê não abrem mão. (Marini e Mello, s.d: 11)

Por vezes a Escola, apoiando-se em padrões sociais dominantes, age de forma preconceituosa com as crianças de classes populares, julgando-as a elas e às suas famílias. Não as escuta, não estabelece com elas um diálogo inclusivo para uma aprendizagem integradora e socializadora, agravando ou afastando as relações entre uns e outros, manifestando uma atitude de superioridade.

Se é incontestável que o preconceito da superioridade é um obstáculo na via do conhecimento, é necessário também admitir que o preconceito da igualdade é um obstáculo ainda maior, pois consiste em identificar, pura e simplesmente, o outro a seu próprio "ideal do eu" (ou a seu eu). (Todorov, 1983: 162)

É preciso compreender os papéis que a Escola e a Família desempenham, pois ambas constroem, embora de forma diferente, as aprendizagens e veiculam comportamentos fundamentais para o crescimento das crianças.

Neste sentido,

o que a escola faz, por meio de seus professores, é uma projeção do sujeito enunciante sobre o universo, uma identificação entre meus valores e os seus valores. A escola não fala diretamente ao outro, mas para o outro, portanto, não reconhece nele uma qualidade de sujeito. (Marini e Mello, s.d.: 12)

Se a Escola mantém o preconceito sobre a forma como a Família educa os seus filhos não é fácil um entendimento com vista a obter sucesso. Se a Escola as ensina de uma forma e em casa aprendem de outra, leva a que crianças vivam uma dualidade de atuação que as desorienta e não lhe proporciona um rumo a uma vida de sucesso. Se o ambiente familiar não tem condições emocionais e afetivas que lhes dê um estímulo e um incentivo à aprendizagem, onde os afetos se apagam na agressividade, na falta de um elogio, na insensibilidade e se a Escola não compreende esse meio natural de vida, então torna-se difícil caminhar no sentido certo.

Patto (1992: 113) refere que as famílias "Entre as apontadas pela escola como "problemáticas" certamente há uma parcela que precisaria de um bom atendimento especializado fora da escola [...]".

A Escola culpa a Família pelo seu desinteresse face ao que se passa com os seus filhos, daí o seu baixo rendimento. A Escola convoca os pais, quase sempre a mãe, com o intuito de informar sobre o percurso dos filhos, para falar das incapacidades, das falhas e dos defeitos e não para falar dos aspetos mais positivos.

Este discurso ora causa aceitação, na medida que se conformam com a opinião da Escola, ora rejeição de quem ensina os seus filhos, pois tal como os outros os seus filhos são capazes de aprender e

Percebe-se que o desencontro entre o modelo de família nuclear, baseado no modelo burguês, composto por pai, mãe e filho(s), e as realidades vivenciadas pelas famílias é um dos principais fatores que provocam conflitos entre aquelas duas instituições. (Seixas da Cruz, 2007: 27)

Os docentes acusam os pais, estes acusam os docentes, mas a Escola tem tendência a ignorar as diferentes tipologias de família, tendo em atenção o modelo nuclear. A Escola deve exercer o seu papel social não no confronto mas na procura de um diálogo aberto e inclusivo. Um dos principais problemas que impede que tal aconteça é uma visão estereotipada, radicada na

forma como os professores tentam justificar as suas falhas, culpando os alunos por não se interessarem pela Escola e culpando os pais por não serem pais presentes e participativos.

A Escola privilegia a família nuclear, que tem sofrido profundas transformações e que, hoje, coexiste, na nossa sociedade, com famílias monoparentais, reconstituídas, casais gays, entre outras. Este conceito de Família nuclear está enraizado no imaginário dos seus professores e profissionais da educação, que apesar de não ser único continua a ser o mais desejado e o ideal.

Partindo do princípio que o modelo de família nuclear interfere nas relações dos profissionais com as crianças que frequentam a escola, uma vez que é de uma forma de ser e de se comportar segundo a ideologia dominante, é importante considerar como o imaginário de cada um invade as relações entre grupos. (Marini e Mello, s.d: 4)

Contudo, a realidade vivenciada pela maior parte da população cria uma dinâmica social cujas práticas são diferentes desta lógica dominante. A base das relações sociais entre Família e Escola, enferma de comportamentos apoiados num padrão de superioridade e menospreza outros padrões que considera marginais ou até imorais. Estas atitudes preconceituosas e exclusivas constroem juízos de valor que rotulam os indivíduos. Pois,

Além de querer enquadrar as famílias num único padrão hegemônico, as diversas instituições (religiosas, escolares, entre outras) acabam por ignorar outras estruturas surgidas com o advento das profundas transformações da sociedade [...]. Isso faz com que, no caso da escola, queira-se homogeneizar os comportamentos dos seus alunos, que são oriundos das mais diversas situações.

No meio dessa complexidade social que vem sofrendo transformações vertiginosas, configuram-se os vários tipos de famílias, [...] nucleares, reconstituídas, monoparentais (chefiadas por mulheres ou homens) e casais gays entre outros modelos emergentes. Essas multiplicidades de tipologias familiares vêm sendo desconsideradas e/ou desprezadas pela escola em favor de um único modelo – a família nuclear. (Seixas da Cruz, 2007: 39)

É reconhecida pela Escola a importância da participação da Família no acompanhamento dos filhos na vida escolar e daí resulta o (in)sucesso de um bom desempenho. Mas o insucesso colhe argumentos na proveniência do tipo de Família dos alunos, nomeadamente quando são famílias de classes que não se esquadram no modelo nuclear, ou seja composto por mãe, pai e filho ou filhos residentes num mesmo domicílio, o que, em demografia, se chama de grupo doméstico. No dizer de Seixas da Cruz (2007: 34) "Tal concepção mascara, ignora ou esconde outros arranjos familiares que vêm sendo forjados no decurso da história da humanidade, além de levar a uma tendência à naturalização".

Uma reflexão sobre esta problemática não pode ser feita de uma forma reducionista. É preciso confrontar o olhar da Escola com o olhar da Família e saber o que esta têm a dizer sobre uma aparente falta de compromisso com o acompanhamento dos seus filhos.

Falando na Família real ou na Família imaginada

É preciso buscar compreender que essas famílias são oriundas de diversas categorias sociais, necessariamente articuladas a um contexto histórico específico. Assim, há que se considerar fatores, como, gênero, classe, raça, dando-se destaque para a questão de gênero, considerando essa categoria, na perspectiva de Scott (1990, p. 14), como a que vem responder a uma necessidade de desnaturalizar a desigualdade entre mulheres e homens, revelando sua dimensão de constructo social. (Seixas da Cruz, 2007: 39)

Mesmo diante do dilema vivido entre Escola e Família, os pais acreditam e confiam que a Escola instrói e educa os seus filhos, o que pode suscitar a crença de que a Família não quer assumir as suas responsabilidades.

Essas dificuldades passam por uma relação de gênero, em que mãe e professora se confrontam, aquela pelas suas atribuições, esta pelas suas responsabilidades, aquela porque se sente avaliada por esta que, em cada momento, reafirma o papel profissional que desempenha.

A função da Escola e a função da Família

O que ambas as instituições têm em comum é o facto de prepararem os jovens para a sua inserção na sociedade e para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social.

Ambas desempenham um papel importante na formação do indivíduo e do futuro cidadão. São elas os primeiros espelhos nos quais nos vemos e nos descobrimos. São elas, também, os primeiros mundos em que habitamos, podendo nos aparecer como acolhedores ou hostis, com tais e tais regras, costumes, linguagens. (Szymansk, 1997: 216)

Se a Escola tem como objetivo ensinar conteúdos específicos de áreas de saber, fundamentais para a instrução de novas gerações, a Família tem de dar aos seus filhos um ambiente acolhedor e estável, afetiva e emocionalmente, o que nem sempre é conseguido, ou por questões económicas ou por questões pessoais.

Concordando com Szymansky (1997) há fatores de (des)acordo na relação Família e Escola, na medida em que a ação educativa da Família difere dos objetivos, dos conteúdos e dos métodos da Escola, baseando-se mais na natureza de laços pessoais. Há famílias de diferentes classes sociais que desenvolvem estratégias de participação que visam, a nível individual, o sucesso escolar de seus filhos e nem sempre esses pais se incluem em projetos coletivos de melhoria do ensino e das relações da Escola com a comunidade. De salientar que o nível de escolaridade e a facilidade de verbalização possibilitam a essas famílias uma crítica mais fundamentada que não existe nas famílias das classes mais desfavorecidas. Outro fator, a ser considerado, refere-se às estratégias de socialização familiar, complementares ou não às da Escola, desenvolvendo práticas facilitadoras da aprendizagem e hábitos em consonância com os exigidos na Escola, o que depende muito da classe social a que a Família pertence.

Bouchard (1988) afirma que a existência do insucesso escolar é muitas vezes explicado pelos alunos pertencerem a famílias consideradas desestruturadas, passivas, desinteressadas pelos

problemas escolares. Esta ideia em nada favorece a Escola e os seus profissionais, pois a não compreensão das dificuldades dos alunos, a atribuição das culpas a situações exteriores à Escola e a não resolução dos problemas apenas serve para manter a ideia, arreigada na sociedade, de que a Escola é cercada de muros intransponíveis que a isola do mundo real. Consideramos que uma Família desestruturada é uma Família que se estrutura de forma diferente do modelo de Família nuclear e que a forma desta se organizar pode não ser responsável pelo comportamento escolar das crianças. Também consideramos que nem todas as famílias são violentas, embora Chung (1995) afirme que as famílias percebem que a prática de bater nas crianças é a forma considerada a mais adequada para educar uma criança. As famílias são elas próprias vítimas de violência e de segregação social e recorrem à violência contra a Escola reproduzindo as condutas sociais, o que não facilita uma proximidade de acompanhamento.

Quando as famílias carregam uma história de vida de uma escolaridade fracassada e interrompida, o saber ler e escrever é o suficiente para poderem procurar um trabalho, quase sempre não especializado. Esta situação conduz a que a maioria se resigne perante a não compreensão da linguagem e dos procedimentos burocráticos da Escola. Estas famílias questionam os horários das reuniões pedagógicas porque, quando convocadas, elas têm lugar durante o seu período de trabalho e, normalmente, a sua agenda prende-se com ouvir os problemas que os seus filhos causam e as dificuldades que sentem na Escola, o que constitui para elas um mistério, pois consideram que, em casa, as suas crianças são vivazes, adaptadas a uma cultura e a uma aprendizagem de acordo com os seus padrões familiares e da Escola só recebem críticas.

Escola e Família devem criar um (re)conhecimento mútuo e não basear-se em preconceitos. Para Mello (1995) o preconceito mais evidente é o da família desestruturada, responsável pelos fracassos em português, matemática, estudo do meio. Mas existem outros preconceitos, como a carência cultural e o desinteresse das famílias. O preconceito é uma interpretação fechada do outro e do seu mundo e define atitudes, sentimentos e ações com características peculiares. Reconhecer o preconceito é o primeiro passo para uma forma aberta de ver e de ser como o outro, na perspetiva de novo olhar curioso, interrogativo e construtivo, aberto e respeitoso.

Contudo, há um desejo de encontro entre Escola e Família que gere mudança e que seja ultrapassado um diálogo de surdos. Esse encontro pode resultar para as famílias naquilo que Bouchard (1988: 222) chama de apropriação e que "significa que o indivíduo se torne mais apto a definir e compreender suas necessidades, atualizar seus recursos, gerar seu desenvolvimento partilhando seu *savoir-faire* com os outros e com os recursos de apoio do seu meio ambiente".

O importante é que a parceria aconteça tendo como base os recursos e as possibilidades pessoais e da comunidade e não esqueça a necessidade de formação tanto para os professores como para as famílias, no que diz respeito às práticas educativas específicas de cada um deles.

Não pode haver confusão quanto a quem cabe a educação das crianças e quais os aspetos específicos de cada instituição. A Escola não pode tomar para si tarefas que são da competência da Família e continuar a dizer que as famílias delegam nela toda a responsabilidade e se demitem da educação dos seus filhos, mas estas também não se podem sentir desautorizadas pela Escola. A importância das funções socializadoras da Família e do seu trabalho de inserção dos jovens na sociedade deve estar em inter - relação com as funções da Escola e só assim haverá maior probabilidade de sucesso.

Metodologia

A metodologia utilizada neste estudo foi de natureza qualitativa, em que uma análise de conteúdo permitiu obter as respostas, através da elaboração e aplicação de uma entrevista semiestruturadas e individual, Entrevista (E1), realizada a três famílias e uma entrevista semiestruturada e em grupo Entrevista (E2), realizada a três docentes.

A entrevista permitiu construir um leque de questões contextualizadas, importantes para a problemática em causa e tratar dos mesmos temas com os diferentes entrevistados. Teve ainda como objetivo facilitar o acto de entrevistar, uniformizar e normalizar a informação recolhida. [...] mais do que quantificar importou compreender, daí que as perguntas fossem abertas e de natureza qualitativa. (Mateus, 2008: 176)

Para a análise dos dados qualitativos recolhidos através da E1 e da E2 foi utilizada a análise de conteúdo. Esta técnica é considerada por Vala (1993) como sendo uma das técnicas mais comuns na investigação empírica realizada pelas diferentes ciências sociais. Permite fazer uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo das comunicações, tendo como objetivo a sua interpretação. É, portanto, uma técnica que, de forma metódica e de acordo com Quivy e Campenhoudt (2003) possibilita o tratamento de dados baseados no testemunho dos entrevistados quer de uma forma organizada quer com um certo grau de profundidade e complexidade, enquanto para Silva e Pinto (2009: 103) é "uma técnica de investigação que permite a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifestado na comunicação".

O guião da E1 e da E2 foi elaborado tendo em conta questões para responderem às categorias emergentes da revisão da literatura e que permitiram a recolha de dados, cuja análise respondeu ao problema e aos objetivos deste estudo. Contudo, também foram tidos em conta a seleção e o perfil da amostra e a análise crítica de dois juízes, que propuseram algumas alterações, de forma a tornar mais compreensível e adequada a ligação à questão e aos objetivos propostos.

Foi considerada, em E1, tendo presente a ótica da Família e em E2, tendo presente a ótica da Escola, apenas a categoria A – Perceção da Família face à Escola/Perceção da Escola face à Família, que apresentou várias subcategorias, A1 – Importância da Escola na educação dos filhos/Importância da Família na educação dos alunos, A2 – Atuação da Família perante os

ditames da Escola/Atuação da Escola perante os ditames da Família, A3 – O papel da Família no sucesso escolar dos alunos/O papel da Escola no sucesso escolar dos alunos, A 4 - O imaginário da Família na educação dos filhos/ O imaginário da Escola na educação dos alunos.

Ao identificar as percepções que a Escola tem da Família e a Família da Escola, na relação estabelecida entre elas, pretendemos verificar a forma como os professores olham as relações com as famílias dos seus alunos e, por outro lado, compreender a forma como as famílias olham a Escola.

Caracterização da amostra

A amostra deste estudo foi selecionada por conveniência porque tentou obter uma amostra de elementos com base na conveniência do pesquisador e os inquiridos foram escolhidos porque, de acordo com Malhotra (2006) se encontravam no lugar exato no momento certo. Assim sendo, é constituída por três Famílias a quem foram atribuídos os códigos E1F1, E1F2 e E1F3 (E1 de Entrevista1, F de Família e um dígito para cada um dos entrevistados) e por três Docentes a quem foram atribuídos os códigos E2D, E2D2 e E2D3 (E2 de Entrevista2, D de Docente e um dígito para cada um dos entrevistados).

Os critérios estabelecidos para a seleção dos seis intervenientes tiveram a ver com Famílias que têm filhos a frequentar o 1º Ciclo do Ensino Básico e com Docentes que se encontram a lecionar esse mesmo ciclo, numa Escola de um Agrupamento de Escolas de Bragança, implantada num meio problemático a nível social e económico.

À E1 responderam as mães, dado estarem mais ligadas aos problemas dos filhos. São famílias que habitam um bairro social, onde as carências económicas são uma constante e a sobrevivência é difícil. A vida do agregado familiar reflete – se no dia – a - dia de cada Família, pois F1 conta apenas com o apoio da mãe (mãe solteira), tem 35 anos de idade, dois filhos a frequentar o 1º ciclo do Ensino Básico, um no 1º ano de escolaridade e outro no 2º ano de escolaridade, exerce, há 10 anos, a profissão de assistente operacional num agrupamento de escolas da cidade e tem como habilitação académica a licenciatura em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico; F2 conta com o apoio da mãe que tem 28 anos de idade, uma filha a frequentar o 3º ano de escolaridade, concluiu apenas o 8º ano de escolaridade, trabalha como empregada de limpezas e vive com um companheiro, desempregado, 30 anos de idade e com escolaridade obrigatória; F3 conta com pai e mãe que tem 30 anos de idade, 3 filhos, um a frequentar o 1º ano de escolaridade, um a frequentar o 2º ano de escolaridade e uma a frequentar o 4º ano de escolaridade, abandonou a escola depois de ter frequentado vários anos o 9º ano de escolaridade, sem o ter concluído, não trabalha e o marido tem um trabalho precário e pontual, 35 anos de idade e com 10º ano de escolaridade.

A docente D1 tem 35 anos de idade, a docente D2 tem 42 anos de idade e o docente D3 tem 48 anos de idade e exercem a profissão, respetivamente, há acerca de 10, 15 e 17 anos. Têm como habilitação académica a licenciatura em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Apresentação e análise dos dados

Contactados os entrevistados e marcada a entrevista procedeu-se à apresentação dos objetivos da mesma e foram garantidos procedimentos éticos como forma de não identificação dos entrevistados e confidencialidade das suas respostas.

As categorias e subcategorias definidas para E1 e E2 foram as mesmas, embora em E1 estivesse presente a ótica da Família e em E2 a ótica da Escola, pelo que foi considerada para E1 a categoria A – Perceção da Família face à Escola com as seguintes subcategorias A1 – Importância da Escola, A2 – Atuação da Família perante os ditames da Escola, A3 – O papel da Escola no sucesso escolar dos filhos, A4 - O imaginário da Família na educação dada pela Escola. Para E2 foi considerada a categoria B - Perceção da Escola face à Família, com as subcategorias B1 – Importância da Família, B2 - Atuação da Escola perante os ditames da Família, B3 – O papel da Família no sucesso escolar dos alunos, B 4 - O imaginário da Escola na educação dada pela Família.

Uma análise sobre as respostas dadas às questões formuladas permitiu construir os discursos que a seguir analisamos.

Assim:

Nas respostas das Famílias (responderam sempre as mães) às questões que deram corpo à subcategoria **A1 – Importância da Escola**, foram obtidas as seguintes respostas às questões - Como pai/mãe o que pensa da Escola? - Considera a Escola uma prioridade para o sucesso dos seus filhos? - Como pai/mãe o que pensa do papel do professor?:-

A vida é dura e é preciso muita luta e a escola não ensina essa luta. Os professores não ajudam nada os alunos que têm dificuldades, só ensinam quem eles querem e não lhe dão muito trabalho, mas fazem o que podem com os alunos que têm. (E1F1)

A Escola é importante, pois não quero que os meus filhos sejam tão analfabetos como eu, quero que estudem e tenham um bom emprego. Os professores por vezes perdem a paciência com tantos alunos, querem é ganhar o seu dinheirinho, não têm mão nos alunos, deixam fazer tudo o que eles querem e os alunos também não se portam muito bem nas aulas. (E1F2)

A Escola é boa, pois em vez de andarem a fazer coisas que não devem sempre estão a aprender alguma coisa, embora os professores queiram ensinar, são eles que não querem aprender. Todos deviam ir à Escola e aprender, pois só assim serão alguém na vida. Os professores ajudam os alunos a serem educados e a aprenderem coisas que são necessárias para o seu futuro. (E1F3)

Já os docentes responderam à **subcategoria B1 - Importância da Família**, às questões - Como professor o que pensa da Família dos seus alunos? - Considera a Família uma prioridade para o

sucesso educativo dos seus filhos? - Como professor o que pensa do papel da Família na educação dos filhos? -, de forma unânime, ao dizerem que:

Os alunos desta Escola são provenientes de famílias desestruturadas, com graves problemas no que respeita a questões económicas, integração social e com muitas carências afetivas. São crianças abandonadas às suas brincadeiras na rua, pois não têm casas decentes para viverem, logo são famílias que não se preocupam com o que os filhos fazem nem lhes inculcem princípios e valores que os ajudem a saber comportar-se. A família é importante no acompanhamento do progresso da aprendizagem dos seus filhos, mas estas famílias não se preocupam minimamente com esse facto. (D1, D2, D3)

Quanto à **subcategoria A2 – Atuação da Família perante os ditames da Escola**, foram formuladas as seguintes questões.- - Como reage quando a Escola não vai de encontro ao que, no seu imaginário, pensa que é seu dever fazer? - Tem por hábito escutar o que a Escola lhe diz? - O que o leva a não participar nas atividades da Escola quando chamados pelos professores? - Porque é que mantém os seus filhos na Escola, mesmo que não consigam atingir o sucesso e sendo constantemente recriminados? - Quais os motivos que o levam a não atenderem às solicitações da Escola? – e as respostas dadas pela Família foram:

A Escola deve ensinar os alunos a terem boas maneiras e a serem educados e também a ensinar-lhes uma profissão para mais tarde não passarem por dificuldades. A professora diz que os meus dois filhos lá vão fazendo as coisas, o do 2º ano com menos dificuldade que o irmão, mas as reuniões são quando estou a trabalhar e para ir tenho de faltar e não posso faltar muitas vezes, pois sou sozinha a trabalhar e não tenho quem me ajude. Tento estar atenta ao que a escola pede para os meus meninos fazerem, mas não tenho muito tempo para os ajudar. (E1F1)

A Escola deve ensinar os alunos a ficarem preparados pra terem um bom emprego, pois sem um bom emprego não se consegue nada e eu vejo que não faz nada disso. Hoje em dia tanto dá estudar como não, pois tudo depende dos 'padrinhos' que se arranjam e a Escola é obrigatória, mas é só para passar tempo. A minha filha é uma aluna aplicada e a professora até me diz que ela aprende bem, mas eu passo o dia a fazer limpezas e à noite estou cansada e não sei como ajudar e o meu marido passa o dia no café e quando chega a casa já não chega sozinho e ralha connosco e a miúda sai para a rua e vai brincar. Eu não vejo as coisas como os professores. A minha filha é uma boa menina, trabalhadora e quando os professores me dão queixas dela fico muito envergonhada e triste. Além disso tenho de trabalhar, as reuniões são quando eu estou no trabalho e se vou em outra hora dizem-me que não podem falar comigo, que estão ocupados eu já desisti de falar com eles. (E1F2)

A Escola não lhes dá um emprego e eu precisava que eles me ajudassem e pudessem trabalhar, pois a vida cá em casa é muito difícil e eu preciso que eles trabalhem e contribuam para o sustento da casa. Sabe, eu não tenho grandes letras e também me vou governando e aos meus. Tenho 3 crianças que se ajudam umas às outras e a quem dou muito carinho, como forma de as compensar das dificuldades que temos, mas elas dizem que não têm nada para fazer, já fizeram tudo na Escola. Uma ou duas vezes fui à Escola, porque o professor queria falar comigo por causa do meu rapaz do meio, pois acho que tinha causado uns problemas lá na Escola. Mas fui à hora que podia, disse que não tenho outra hora para ir porque trabalho e não posso perder o meu emprego. Às atividades é que quase nunca vou, pois o meu trabalho não me permite, mas sei que até fazem coisas giras. (E1F3)

Os docentes, para as questões propostas para a **subcategoria B2 – Atuação da Escola perante os ditames da Família** - Como reage quando a Família não vai ao encontro ao que, no seu imaginário, pensa que é seu dever fazer? - Tem por hábito escutar o que a Família tem para lhe dizer? - O que leva a Família a não participar nas atividades da Escola quando chamados pelos professores? - Porque é que acha que a Família mantém os seus filhos na Escola, mesmo que não consigam atingir o sucesso? - Quais os motivos que levam a Família a não atenderem às solicitações da Escola? -, consideraram que:

As famílias destas crianças não se importam, regra geral, com o que os filhos fazem e aprendem, o que nos deixa muito tristes e apreensivos, pois nós não podemos fazer tudo e muitas vezes o que fazemos a família desconstrói. Quando promovemos reuniões não aparecem nem justificam a sua ausência e essas reuniões são importantes para compreendermos as suas histórias de vida, dialogarmos, responsabilizarmos as famílias pela educação dos seus filhos, dizermos que instruímos e educamos, mas que o papel da Família é importante e também para os por a par da aprendizagem que os seus filhos vão tendo. Não os ouvimos porque eles não aparecem e os motivos são não querer saber, pois acham que os professores é que devem tomar conta deles. (D1, D2, D3)

Para a **subcategoria A3 – O papel da Escola no sucesso escolar dos filhos**, formulamos as seguintes questões - Qual a importância da Escola no sucesso escolar dos seus filhos? - Concorda com o que as professoras lhes transmitem sobre o rendimento escolar de seus filhos? - Como acha que devem agir quando os alunos não aprendem? - Gosta de ouvir falar os professores sobre os seus filhos? - e as respostas foram:

Os meus filhos vão passando de ano e portanto aprendem mais ou menos bem e a professora, nas poucas vezes que falo com ela, lá me vai dizendo que aprendem mais ou menos bem, mas um deles é muito mal comportado. Contudo, é importante que vão à Escola para poderem ter um emprego no futuro. (E1F1)

A minha filha aprende bem, mas a professora diz que é muito distraída e malcriada, mas ela em casa não faz asneiras e é muito meiga e portanto ela deve concluir a escolaridade obrigatória, pois os que o fazem não são mais que ela. (E1F2)

Os meus garotos são muito diferentes, o do 1º ano tem muitas dificuldades em aprender e os irmãos não o ajudam e o professor está sempre a dizer aos outros meninos que ele nunca sairá do 1º ano e os irmãos escutam e dizem-me, mas já me apeteceu tirá-lo da Escola, só anda lá porque sou obrigada. Os outros dois aprendem mais ou menos. (E1F3)

Na **subcategoria B3 – O papel da Família no sucesso escolar dos filhos**, formuladas as questões - Qual a importância da Família no sucesso escolar dos alunos? - Considera que a Família gosta de ouvir falar dos seus filhos, quando o rendimento escolar é fraco? - Acha que os modelos educativos dos professores são os adequados para o tipo de alunos com dificuldades de aprendizagem? -, os docentes manifestaram a seguinte opinião:

Para que os alunos tenham sucesso escolar é preciso que as famílias sejam educadas e se preocupem com o que os seus filhos fazem, não os abandonem todo o dia, sem terem o mínimo de preocupação com eles, os comportamentos das famílias na educação dos seus filhos não é a mais adequada, apesar de se compreenderem as dificuldades porque passam, consideram que estas crianças só vão à Escola porque são obrigadas. (D1, D2; D3)

Escola e Família são dois ambientes sociais com os quais os alunos contactam e é neles que bebem as atitudes e os valores fundamentais ao seu sucesso. Se a família é a primeira morada do aluno, a Escola é segundo Dewey (2002: 26) "a segunda morada da criança, onde ela aprende através da experiência directa [...], tem a oportunidade de se converter em uma comunidade em miniatura, uma sociedade embrionária".

Segundo Castro e Regattieri (2010) quando os alunos apresentam sucesso escolar, a nível da aprendizagem e do comportamento, os docentes e as famílias acreditam serem os responsáveis pelo sucesso, caso contrário entram em conflito culpando-se mutuamente.

Quanto à **subcategoria A4 - O imaginário da Família na educação dada pela Escola**, as questões - Como é que os seus filhos/alunos vivem no dia-a-dia a Escola? - As suas condições económicas, sociais e afetivas são adequadas para orientar e acompanhar as atividades de seus filhos? - Aceita as recriminações que são feitas sobre os seus filhos – Aceita que os professores sejam autoritários na forma como lidam com os seus filhos - Quem deve educar os seus filhos para que possam vir a ser cidadãos ativos e responsáveis na sociedade? - Acredita nos ditados populares: "Fulano não tem cabeça, não aprende, não tem jeito, é como o pai/mãe"? - foram respondidas da seguinte forma:

Os meus dois filhos são crianças meigas que fazem, na Escola, o que a professora lhes diz e durante as aulas estão atentos e no recreio brincam como todas as crianças. Claro que gostaria de dar outras condições de vida aos meus filhos e nenhuma mãe gosta de ouvir criticar as suas crias. Não me importo nada que quando for preciso a professora seja autoritária e mostre que eles estão a fazer as coisas mal, mas sem violência. A Escola é que deve preparar os meus filhos para poderem viver neste país, pois é para isso que pagam aos professores. Quanto aos ditados populares não acredito neles e em casa eu digo para respeitar o que a Escola ensina. (E1F1)

Eu acho que a minha filha não se comporta mal e na sala de aula respeita a professora, embora seja capaz, no recreio, de ser um pouco mais malandra com os colegas. Ela é muito nervosa e reage com muita rapidez e às vezes nem sempre da melhor forma. Claro que gostaria de ter outras condições para dar à minha filha, mas a vida é muito dura. Os professores devem saber como lidar com crianças, pois para isso estudaram, mas não admito que usem a violência, pois quando é para bater, bato eu e mais ninguém. Se eu tenho tantos problemas na minha vida e se a mando à Escola é para esta a preparar para ter um futuro. Às vezes é bem verdade que "Quem sai aos seus, não degenera" e acredito nesses ditos do povo. Quanto ao conflito, não há, pois em casa é uma coisa e na Escola é outra. (E1F2)

O meu do 1º ano é muito metido nele e acho que se porta bem, os outros dois já não direi o mesmo, são mais capazes de fazerem umas tropelias. Se eu tivesse outras condições daria tudo o que os meus filhos precisassem, mas não posso e não sei como os orientar, pois a mim também ninguém me orientou e a vida é o que é. Claro que não gosto que outras pessoas, mesmo sendo o professor, tratem mal os meus filhos, sou mãe e eles são meus, mas eles devem educar as crianças e fazer delas uns homens. Eu acredito no que o povo diz, pois sai sempre certo. Eu digo sempre aos meus filhos para respeitarem o professor e em casa fazem como entendemos. (E1F3)

Quanto à E2 feita aos docentes, na **subcategoria B 4 – O imaginário da Escola na educação dada pela Família**, as questões propostas - Como é que os alunos vivem no dia-a-dia a Escola? - As condições económicas, sociais e afetivas da Família são adequadas para orientar e acompanhar as atividades dos seus filhos? - Como acha que reage a Família quando são feitas recriminações aos seus filhos? - Os pais interessam – se pela vida escolar de seus filhos? - Acompanham as atividades escolares? - Comparecem às reuniões? - Acredita nos ditados populares "Fulano não tem cabeça, não aprende, não tem jeito, é como o pai/mãe"? - Nas suas estratégias educativas qual o modelo educativo que usa para motivar os alunos para uma aprendizagem com sucesso? – a opinião manifestada foi:

Os alunos vivem o seu dia-a-dia na Escola com muita displicência, sem motivação, só pensam no recreio e nas brincadeiras, por vezes são malcriados uns com os outros e conosco. Deitam-se sobre as carteiras, revelam carências alimentares e falta de higiene. Quando recriminados dizem que fazem assim em casa. Um ou outro escuta o que lhe é dito e muda num dia, mas no dia seguinte volta a fazer a mesma coisa. As famílias destes alunos revelam muito pouca preocupação com os filhos e como vivem em casas sem ou com poucas condições, a nível de espaço e até de higiene, são crianças que vivem quase todo o dia na rua, onde brincam, onde crescem sem ninguém os orientar e pensam que a vida que existe é a vida das famílias. Os pais não se interessam pela vida escolar dos seus filhos, nem os acompanham nas atividades escolares. Não comparecem às reuniões, não procuram saber como estão no processo de aprendizagem. As mães acreditam, regra geral, no que os filhos lhes dizem e não aceitam que sejam recriminados, pois nós temos a obrigação de tratar deles. Não são recetivos ao diálogo e apesar de querermos conhecer a história de vida deles, para podermos agir em conformidade, não é fácil, pois mesmo os pais o que dizem hoje já não dizem amanhã. Os ditados populares têm algo de real, mas não é bem assim, pois há crianças que são provenientes de ambientes familiares desorganizados e que revelam muita vontade em aprender e aceitam os ensinamentos que nós lhes transmitimos. Quando compreendemos a forma de atuar da Família tentamos adaptar os nossos modelos educativos usando estratégias diversificadas que tanto podem utilizar um modelo educativo mais autoritário ou mais permissivo.

Corroboramos o que afirma Szymanski (1997) que a Família deve proporcionar o bem - estar físico e social dos seus filhos, mas nem todas as famílias têm essas condições, por situações de pobreza ou desestruturação familiar.

Também Cezarino (2014: 24) diz que "A escola tem a incumbência de ensinar bem todas as áreas do conhecimento fundamentais para a aprendizagem dos indivíduos. O professor não pode expressar afeto 'maternal' pelos alunos. Amor, respeito e confiança sim, mas como

professor, afirma Szymanski". A autora considera que o ensino é uma atribuição da Escola que divide com a Família, na medida em que se prolonga a Escola em casa com trabalhos adicionais, mas em contextos de pais pouco escolarizados, displicentes ou com trabalho que lhes deixa pouco tempo para acompanhar a vida escolar dos filhos, tal não é possível.

Por isso, concordamos que

a mesma forma como procura diagnosticar as dificuldades pedagógicas dos alunos para atendê-los de acordo com suas necessidades individuais, a escola deve identificar as condições de cada família, para então negociar, de acordo com seus limites e possibilidades, a melhor forma de ação conjunta. (Castro e Regattieri, 2010: 32)

Por vezes, a Escola, de acordo com o seu público – alvo, segue um modelo educativo mais autoritário, dando importância à disciplina, à ordem, à autoridade e as crianças e os pais não aceitam. Outras vezes precisa de ser mais orientadora, estimular as emoções reconhecer e valorizar as suas capacidades, favorecer a sua autonomia.

Os conflitos entre Família e Escola podem resultar da aplicação de diferentes modelos educativos, pois quer as crianças quer as famílias podem comportar-se segundo modelos que não são os da escola. Vimos que os docentes se expressam como não seguindo um modelo único, adaptando-o, no dia - a - dia, às necessidades sentidas.

O professor é um dos agentes responsáveis pela aquisição da disciplina e indispensável para a socialização da criança. A atuação do professor na sala de aula é principal fator para a disciplina, por isso é necessário que saiba agir [...], possuindo estratégias para resgatar a atenção dos alunos. (Cezarino, 2014: 27)

Mas Cezarino (2014: 28) também refere que "é no convívio familiar que a criança adquire a disciplina para sua inserção no mundo social e para sua aprendizagem. Ela precisa de uma pessoa como modelo a ser copiado, sendo os pais ou alguém que admirem". Escola e Família complementam-se e é, pois, importante que os pais acompanhem os filhos, criem horários, um ambiente agradável de estudo e disponham de tempo para os ajudar nas atividades.

Considerações finais

Este estudo permitiu dar resposta ao problema formulado e aos objetivos definidos, ao mesmo tempo que nos levou a tecer considerações baseadas numa reflexão apoiada nas respostas obtidas através das questões das entrevistas que foram aplicadas.

É importante que a Família e a Escola vivam uma parceria efetiva, sendo esta apontada como uma das saídas para os grandes problemas vivenciados por estas duas instituições, no que diz respeito à educação dos seus filhos/alunos.

A Escola procura atrair a Família com o objetivo de ajudar a um envolvimento no processo de aprendizagem, a fim de obter o sucesso escolar. No entanto, quando Família e Escola se

encontram, não falam a mesma linguagem e trocam acusações em que uns responsabilizam os outros pelo (in)sucesso dos filhos/alunos e é fundamental que tal não aconteça.

Ao refletir sobre as condições em que se processam as relações entre a Família e a Escola, percebe-se que os alunos provenientes de famílias desestruturadas influenciam, de forma negativa, essas relações e dificultam o diálogo. É preciso que a Escola considere os seus alunos nas suas múltiplas dimensões e procure compreender as suas histórias de vida, de forma a poder atuar através de modelos educativos ajustados a esses contextos. Deve-se combater a ideia que a realidade de uma sala de aula deve ter comportamentos padronizados, uma identidade única. Os alunos são provenientes de famílias com tipologias diversas e sem procurar transformá-las em modelos perfeitos não devem ser excluídos aqueles que não estão enquadrados nos padrões que povoam o imaginário de professoras e professores. Devemos olhar a Família sem preconceito, dando atenção à relação estabelecida entre indivíduos em que predomina o sentimento de amor, respeito e compreensão.

Resta à Escola aceitar que as famílias são o que são e deve trabalhar a realidade tal qual ela se apresenta e não como gostaria que fosse.

A Família e a Escola são peças fundamentais para o desenvolvimento da criança, sendo importante uma relação em que exista harmonia, respeito mútuo, diálogo e confiança entre os olhares de uma e de outra. Portanto, é necessário que a Escola abra as portas à Família e que os pais acompanhem a vida escolar de seus filhos, para que juntas consigam alcançar seu objetivo, que é o sucesso escolar.

Concluimos que a Escola e a Família são instituições indispensáveis tanto para o processo de socialização quanto para a aprendizagem, que ambas devem trabalhar no sentido de encontrar os melhores métodos pedagógicos e educativos para o desenvolvimento da criança, onde os afetos são fundamentais para a construção de sua personalidade enquanto sujeito.

Referências

- Bouchard, J. M. (1988). De l'institution à la communauté. Les parents et les professionnels: une relation qui se construit. En P. Durning (Ed.), *Education familiale*. Vigneux: Matrice.
- Carvalho, B. e Vianna, C. (1994). Educadoras e mães de alunos: um (des)encontro. En C. Bruschini e B. Sorj (Orgs), *Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil* (pp. 133-158). São Paulo: MarcoZero/Fundação Carlos Chagas.
- Castro, J. M. e Regattieri, M. (2010). *Interação Escola - Família: Subsídios para práticas escolares*. Brasília: UNESCO, MEC.
- Cezarino, P. D. (2014). *A Relação Escola e Família: a Disciplina do Processo de Aprendizagem*. Campanha Nacional de Escolas da Comunidade. São Paulo: Faculdade Cenecista de Capivari.

- Chung, M. (1995). *Representações de professores numa Escola Pública sobre famílias de seus alunos* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Dewey, J. (2002). *A escola e a sociedade e a criança e o currículo*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Malhotra, N. (2006). *Pesquisa de Marketing- Uma orientação Aplicada*. Brasil: Artmed Editora.
- Marini, F. e Mello, R. R. (s.d.). Relação Entre a Escola e Famílias de Classes Populares: Desconhecimento e Desencontro. http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt_06_04.pdf
- Mateus, M. N. E. (2008). *O Estudo do Meio Social como Processo Educativo de Desenvolvimento Local*. Bragança: IPB.
- Mello, S. L. (1995). Família: perspectiva teórica e observação factual. *A família contemporânea em debate*, 3, 51-60.
- Mello, S. L. (1998). *Trabalho e sobrevivência: mulheres do campo e da periferia de São Paulo*. São Paulo: Ática.
- Patto, M. H. S. (1992). A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. *Psicologia USP*, 3(1-2), 107-121.
- Postic, M. (1995). *Para uma estratégia pedagógica do sucesso escolar*. Porto: Porto Editora.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. V. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Seixas da Cruz, A. R. (2007). Família e Escola: Um Encontro de Relações Conflituosas. *Sitientibus*, 37, 27-45.
- Silva, A. S. e Pinto, J. M. (2009). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Szymanski, H. (1997). Encontros e Desencontros na Relação Família–Escola. En D. A. Tozzi e L. F. Onesti (Coord.). *Os Desafios enfrentados no cotidiano escolar* (pp. 213-225). São Paulo: FDE.
- Todorov, T. (1983). *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vala, J. (1993). A Análise de Conteúdo. En A. Silva e J. Pinto (Orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 101-128). Porto: Afrontamento.

Recibido: 15.4.2016

Aceptado: 3.5.2016